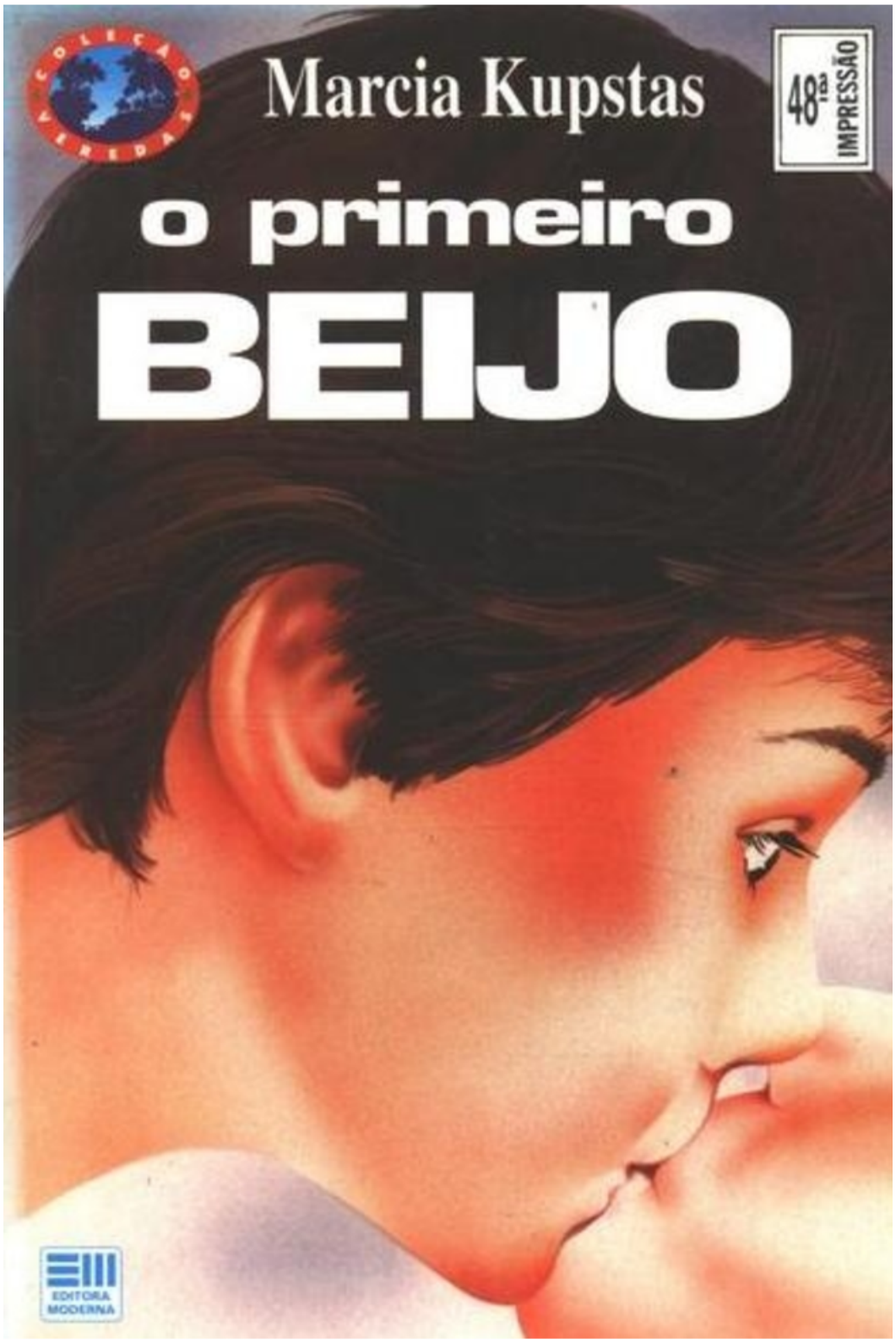
COLEÇÃO VEREDAS

Marcia Kupstas

48ª IMPRESSÃO

o primeiro BEIJO



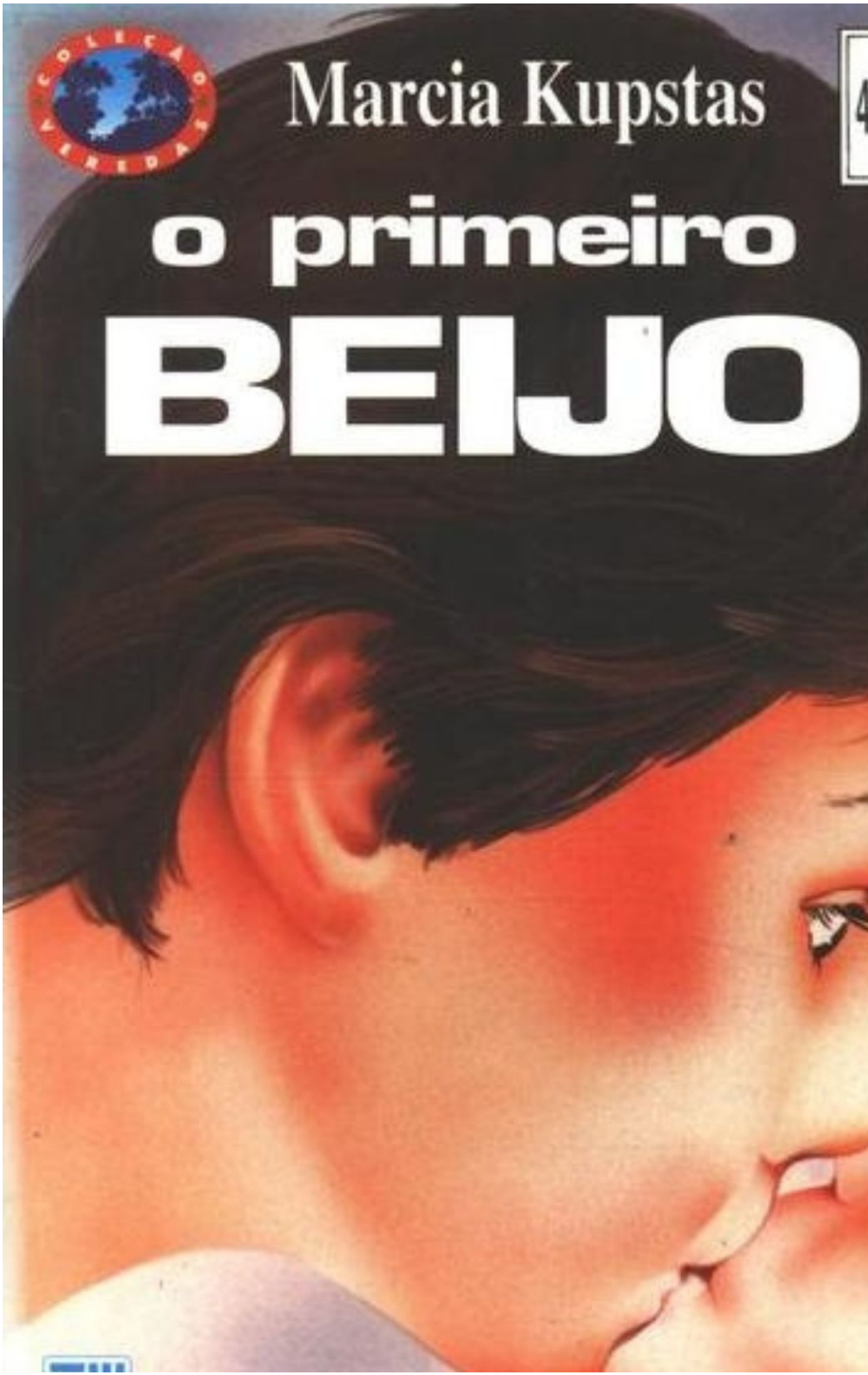
EDITORA MODERNA

COLEÇÃO VEREDAS

Marcia Kupstas

4

o primeiro BEIJO



Enredo

Alex passa por várias mudanças em sua breve vida: mudou de cidade, de escola, mal vê os pais. Sente-se sozinho e discriminado. Uma colega, Bete, tenta se aproximar dele com um caderno de perguntas. Para se enturmar, ele aceita respondê-las. Uma delas é: "Você já beijou alguém na boca?". A partir da resposta positiva, mas mentirosa de Alex, inicia-se uma relação tensa e atrativa entre os dois. Depois de algumas dificuldades, iniciam uma amizade e vivenciam o "primeiro beijo".

Palavras-chave

puberdade, diferenças de gênero, educação sexual, conflitos familiares.

Aos meus pais, Vitálios e Elizabeth Kupstas,
pelo incentivo e carinho.

PARTE I

Se você fosse um bicho, que bicho você ia ser? Era pergunta da enquete, como mostrava a letra de Florzinha na capa do caderno espiral.

Alex suspirou. Que bicho ia ser? Tomou outro gole de refrigerante, se espichou na cama. Três horas da tarde.

Era hora de fazer lição. Ou então deveria estar lendo livro de português. Ou ainda, poderia ver TV.

Ou ir até o parquinho brincar. Arriscar umas bolas na quadra de basquete.

Mas tinha prometido responder aquela enquete idiota.

E desenvolvê-la pra Beth, a autora da ideia. Um caderno inteiro com perguntas tão estúpidas como aquela. Folheou as outras páginas, foi lendo as respostas.

Quem respondeu primeiro foi a própria Beth, claro. Não podia ser indiscreta com a vida dos outros, sem deixar que os outros também soubesse da dela.

Sua resposta sobre bicho.

Cachorro. Bem que a Beth acertou. Era tão cabeluda como um cachorro.

Um cachorro de pelo marrom e orelhudo. Alexandre não gostava de cachorro.

Quer dizer, agora ele não gostava.

Ou pelo menos a mãe dizia que não. Porque em apartamento não dá para se ter cachorro. Eles sujam, eles fazem cocô pela casa.
Soltam pelo. Quando Alex e os pais moravam no interior, ele via muito cachorro solto pela rua. Às vezes dava para brincar com eles.
Os amigos tinham. A avó também. Mas não em São Paulo.
Agora só havia um aquário no meio da sala. Pena que peixe é tão parado e vira enfeite. Parece de vidro.
Igual as paredes do aquário. Esse bicho de estimação era aquela coisa silenciosa e colorida. E que valeria ter bicho de estimação? Então Alex não tinha bicho de estimação.
Não gostava de cachorro. E não gostava da Beth. Resposta.
Quero ser um leão. Pergunta da página seguinte. Por quê? Resposta.
Para comer todos os cachorros e todas as pessoas que gostam de cachorro.
Sorriu. Vitória.
Aquela resposta ia deixar a Beth louca da vida. Quem sabe ela parava de encher, de fazer tanta pergunta e se meter tanto na vida dele. Fazia dois meses que Alex estava na nova escola e tinha aprendido a detestar todo mundo.
Não queria aquela escola. A melhor do bairro. Mas precisava ir.
Não gostava da cidade, do prédio. O melhor do bairro. Não gostava daquela gente que ria quando ele falava com sotaque caipira.
O que achava que ele se vestia gozado. Por que menina tem que ser tão xereta? Alex pensou até em escrever uns palavrões na enquete. Ah! Ela era capaz de dar risada.
Beth tinha 10 anos. Alex tinha feito 11 um mês antes dela. Todo mundo na classe tinha por aí.
A mesma idade. Só o Marcos era repetente e tinha 13. E por que as meninas se acham mais velhas então? Ficavam de espelhinhos pra cá, de pente pra lá. Tira blusa e põe blusa. Ainda por cima Beth tinha de se sentar bem na frente dele e soltar tanto cabelo na sua carteira. Olhou no relógio digital.
3h42. Precisava terminar de responder as perguntas. Você já deu beijo numa menina? Beijo em menina.
Em prima já. Em tia que não era menina também. Mas beijo de verdade não. Daqueles de cinema e de novela de TV não. E nem devia ter graça. Quer dizer, devia ter graça.
Mas numa menina, naquelas meninas chatas da escola não. Podia ser legal se

fosse na professora do irmão da Clary. Aquela professora era morena, de olhos verdes, que não dava aulas pra ele.
Mas um dia ainda ia dar. Isso quando ele estivesse na sétima, na oitava série. Ou mesmo beijar a Xuxa.
Mas nunca a Beth. A Renata, a Cristiane. Alex respondeu que sim.
Várias vezes. Não ia passar por maricas. Porque todos os garotos também escreveram que sim.
E ele sabia muito bem que todo mundo devia estar mentindo. Do mesmo jeito que a Renata devia estar mentindo quando escreveu várias vezes. As outras meninas diziam que não.
Só a Beth colocou quase. Quase lá era a resposta. Seu Alberto no telefone chamou Diná, a empregada.
Alex largou o caderno na cama e foi ver o que o pai queria. Alexandre, tudo bem? Como foi na escola? Disse que tudo bem. O pai queria saber como estava com os colegas.
Se não tinha tido nenhum problema. Alex de novo mentiu que sim. Que tinha um monte de amigos.
Que ninguém ria porque ele falava com sotaque caipira. E a lição? Já fez? Já. Já havia feito a lição.
Tudo ótimo. O pai mandou um beijo. Disse que dali a dois dias voltava.
Uma viagem rápida. Negócios. Disse que mais à noite ligava pra mãe.
Sabe como é. Os horários. A mãe ia chegar tarde? Então tudo bem. Ligava no outro dia.
Alex compreendia. Alex tinha de compreender. Tinha de compreender que eles precisavam ficar ricos.
E desligar o telefone mentiu pela última vez que estava com saudade. Mas não era saudade. Pelo menos não a saudade de seus pais naquela vida que eles levavam agora.
Era a saudade de antes. De quando ainda moravam no interior. E o pai tinha apenas uma loja.
A mãe ficava em casa. Os negócios não precisavam crescer. Crescer tanto.
Pergunta. O que você mais quer ser na vida? Alex poderia responder. Ser feliz? Dó.
Assim você para de encher. Legal, Alex. Estou louca para saber o que você respondeu.

Betty começou a folhear as páginas. Um sorriso cheio de mistério e de aparelho nos dentes. Cada pergunta besta que você foi arrumar, hein? Para que você quer saber disso tudo? Não sou só eu que quero saber.
Todo mundo fica se conhecendo mais. Ou você não leu as respostas? Claro que tinha lido. Tinha até dado risada do Guilherme respondendo sobre a comida que mais odiava.
Prato vazio. Tinha também achado legal a resposta do Victor. Sobre o que pensa das meninas da classe.
Tão bobas como esta pergunta. Ler, eu li. Mas o pessoal só responde abobrinha.
Dona Ruth chegou. Eles pararam de conversar. A professora começou a chamada.
Betty abriu disfarçado o caderno e leu a resposta de Alex durante quase toda aula de matemática. Dava umas risadinhas. Alexandre começou a suar.
Ia fazer papel de palhaço. E para uma menina? O que era tão engraçado? O cabelão marrom da Betty se movia rápido. Maravilhosamente adequado para um puxão.
Foi Dona Ruth sair e a Betty tapeou o rosto de Alex com o cabelo. Louca para fazer perguntas. Quer dizer que você não gosta de cachorro? Não.
Por quê? Porque eu não gosto. Não conheço ninguém que não goste de cachorro. E eu não conheço ninguém que fale tanto como você.
Mas por que Alex? Ela parecia não ter entendido. Alex apenas queria ficar em paz. Deus do céu! Não basta responder a essa droga, ficar livre de você, ainda tem de falar, falar, falar.
Ela riu com o aparelho nos dentes. Sabe de uma coisa? Duvido que você tenha dado beijo em um monte de menina. O rosto dele ficou vermelho.
E por que não? Fala quem? Você não conhece. O calor do rosto espalhou para debaixo do braço, para a testa e ficou brilhando no suor debaixo do nariz. Não faz mal.
Diz quem foi. Não fale e pronto. Tá vendo? Você mentiu.
Não menti e não enche. As mãos de Alex agiram sozinhas. Espenduraram no cabelo da menina.
Beth fez ai de um jeito escandaloso. Deu um tapa nele e acertou o chão. A classe inteira olhou para os dois.
O lesma, o idiota, o cretino, o metido do Felipe deu risada e falou. O caipira já

arrumou namoradinha, leva até tapa dela. Alex cuspiu na cara dele.
Ele deu um chute na canela de Alex. O caderno de Alex voou para a cabeça do Felipe. Felipe tascou o estojo em cima dele e começou a esganar o outro. Quando o professor Gilmar entrou na classe e levou os dois para a diretoria. Beijo em menino. Briga com Felipe.
A cara vermelha da diretora. O mulato carregando cada garoto por um braço, como se Alexandre fosse um criminoso. Devia ser, devia ter algum castigo naquilo tudo.
O quarto estava escuro, mas mesmo assim Alex ficava de olhos abertos encarando o teto. A mãe havia chegado a pouco. Ele pensou em levantar da cama e conversar com ela.
Mas a mãe estava sempre tão cansada. Ia falar da filial da loja, de todos os compromissos do dia e dos do dia seguinte. Ouviu o trintrinho de quem estava discando.
Ela devia estar fazendo interurbano, conversar com o pai. Mas talvez só falassem de negócio. Estavam ficando ricos.
Começaram com uma lojinha no interior, agora tinham três lojas grandes em São Paulo. Alexandre sentiu frio, colocou o cobertor, ficou suando. Ia repetir de ano.
Só conseguia dar porradas nos outros ou fugir de uma menina chata como a Beth. Ela falava que parecia uma arara. Dar beijo em menina.
Ah, isso era tão importante assim, beijo numa menina? Nos fundos da escola tinha um muro, cinco metros de altura para quem olhasse de fora. De dentro da escola viam-se a rua, a calçada e os automóveis estacionados. Alex já tinha notado os garotos aprontando por cima desse muro.
Eles misturavam terra com água da torneira, faziam pelotas de barro e jogavam nos capôs dos carros. Até competiam. Júlio começou tirando o primeiro.
Vou acertar no espelho do Monza e fez pontaria na mosca. A bola que o Victor fez era enorme, disse que acertaria o farol do escorte, quase na esquina. Jogou a bola de barro movendo o corpo igual um jogador de beisebol que se vê nos filmes.
Passou perto, acertou o pneu. Alexandre estava ali perto. Por que não deixa o Caipira tentar? Falou Júlio.
Isso aí, Caipira, você tem pontaria? Alex enrolou sua bola de barro com

cuidado. Perguntou como era o combinado. Diz aí onde você acha que acerta. Resolveram consertar o erro de Victor. Vou tentar também no farol. Bora, mira.
Força certa. O barro grudou no farol e escorregou pelo... Valeu, o Caipira tem pontaria, disse Guilherme. Agora é minha vez.
Guilherme escolheu o fusca amarelo bem ao lado do escorte. [1] Tacou um punhadão de terra, enrolou com capricho aquele verdadeiro foguete marrom. Escorria barro do seu punho.
Fez mira. Um, dois. E a dona do fusca abriu a porta do carro no exato instante que Guilherme soltou a bola de barro.
Acertou direitinho no cabelo grisalho da mulher. Era a diretora. Ih, sujeira. Vamos embora. Mas dona Maria viu. Viu e gritava pelo nome dos meninos. Zelador, porteiro. Não havia como escapar. Metade da classe não escapou.

PARTE II

Metade da classe não escapou. A diretora estava furiosa demais para permitir que algum dos criminosos fugisse do castigo. Guilherme, Alex, Vitor, Ivan, Filipe, Tadeu, Roberto.
Só Júlio não foi chamado. Escapou porque sabia fingir de santo muito bem, participava de todas e nunca era acusado. A mulher estava tão furiosa que desfilava igual a um general na frente dos garotos.
Era baixinha e magra, na verdade, da mesma altura de Alex, que era o mais alto dos garotos. Mas o jeito de falar, o brilho nos olhos claros que quase ficavam cinzentos, não ia deixar as coisas assim. Ainda segurava os restos da bola de barro enquanto a toalha em suas costas escondia a mancha no vestido.
Silêncio tão intenso que quando ela tomava fôlego, dava para ouvir o tic-tac do relógio da sala. — Eu quero saber quem foi! Por que isto aqui? Chacoalhava o barro como se ele fosse outra coisa nojenta em sua mão. — Nunca aconteceu nesta escola! Nunca! É uma falta de educação! Esqueceu até a palavra.
Alex imaginou a hora em que uma mulher ia enfiar a bola de barro pela garganta de um deles. Não deixaria de ser engraçado. — Mas eu vou descobrir! Nem que vocês fiquem a manhã inteira aqui na minha frente, eu vou descobrir! Olhou de um uinho.
— Ivan! Não fui eu, não, senhor! — Então quem foi, hein? Quem foi? Ele ficou quieto. Os garotos nem tentavam se olhar, com medo de se acusarem

sem querer. Mas Alex percebia pela respiração forte do colega que Roberto deveria estar chorando.
E Roberto não tinha nada com aquilo. Nem ele, nem Tadeu, nem Ivan, nem mesmo Felipe. Podia odiar o Felipe, mas daquela vez ele não tinha com o caso.
Pois bem, a diretora largou o barro na mesa e esfregou as mãos. — Vocês não querem responder? Então eu vou suspender a classe inteira! Antes que a mulher desse as costas para eles, Alex resolveu falar. — Não foi de propósito, dona Marta! Começou dizendo.
— Não ia acusar, Guilherme. Apenas achava que os quatro, sim, podiam até levar uma dura. Envolver os outros é que não era justo.
— Como você diz? A diretora se aproximou dele. Mas Alex não pôde explicar nada. Guilherme se adiantou.
Deu um passo em direção à mulher. Apontou o colega. — Dona Marta, foi o Alexandre, eu vi.
— O quê? — O Alexandre. Alex sentiu que o suor estava ficando gelado. Não conseguia enxergar o rosto do outro direito.
Vi as coisas se embaralhando, como se de repente o coração fosse escapar pela garganta. — Não fui eu, dona Marta! Respondeu depois da diretora perguntar três vezes se era ele o culpado. — Ah, não foi? Então quem me atirou o barro? Caiu do céu? Agora chove barro nas costas da diretora? — Não foi de propósito.
Nisso eu posso até, quem sabe, acreditar. — Quem sabe? A mulher devia ter ódio dele, Alex pensou. Todo mundo ali tinha ódio dele.
— Mas eu não acredito. Não foi você que brigou com o colega ontem? Que já respondeu para a professora que não faz lição? — Não fui eu. — Agora cala a boca, ouviu? Porque mais uma palavra.
Ela respirou fundo. Os olhos cinzentos brilhavam. Quem estava com você? De novo o silêncio de ouvir tic-tac e mosquito voando pela sala.
Alex não respondeu. Não ia chorar. Isso.
Nunca. Ia arrebentar o nariz de Guilherme. Ia levar bronca.
Castigo. Mas não chorar. — Não vai dizer? Está bem.
O resto está dispensado. Você fica. Vou preparar a suspensão.
Uma semana. Alexandre ouviu muito bem daquilo que dona Marta falou. Algumas palavras, porém, ficaram marcadas como se só elas existissem.

Mal educado. Moleque. Pensava que ali era o quê? Escola de marginal? Ombridade.
Que ele tivesse ombridade. Alex tinha onze anos. E ódio de Guilherme.
Foi buscar material na classe. O silêncio na sala de aula era tão forte quanto a diretoria. Beth tentou pegar na sua mão.
Ele puxou a mão. Não quis olhar para ela. Piedade, não.
O que ele sentia mesmo era raiva. A raiva que Alex usou para não chorar.
Para correr até o terceiro prédio, largar a mochila na portaria e voltar.
Para esperar um pouco mais abaixo do portão. Pensava em bombas atômicas ou nas lutas sangrentas dos filmes de capa e espada. Guilherme saiu da escola com o irmão menor.
Só com o irmão menor. — Que sacanagem foi aquela, hein, senhor Guilherme? Falou um senhor caipirado e parou na frente do outro. Guilherme deu risada.
Uma risada meio murcha no canto da... — Ih, Alex, que isso? — É que eu pensei... Você começou a afrouxar. — Pensou que eu ia dedurar você? Que eu ia sacanear o pessoal, hein? Deu um empurrão nele. Guilherme era do mesmo tamanho.
Devia pesar uns quilos a mais. — Pô, qual é? — Qual é? Qual é? Deu um chute na canela do Guilherme, bem no lugar que doía. Aí Guilherme percebeu que não dava para fugir.
Jogou o material no chão e começaram de tapa, de mordida, de ponta-pé. O irmãozinho dele tinha voltado correndo para a escola, mas nenhum dos dois viu. O Bedel, a diretora e o porteiro chegaram juntos.
Guilherme tinha sangue escorrendo do nariz e Alex estava sem botões da camisa, com uma unhada no peito e uma mordida funda no braço. — Suspensão nada, ouviu? Dona Marta gritou. — Você vai ser expulso, seu pivete de rua.
Alexandre não ouviu o resto. Fugia pela calçada. Fugia para chorar o caminho inteiro.
Chorar a tarde inteira em seu quarto sem querer a ajuda de Diná no curativo, que ele mesmo fez, sem esperar a mãe. Sabia lá o que horas ela ia chegar ou o pai. O negócio ficou feio.
Naquele dia, pai e mãe a seis da tarde em casa, sentados no sofá. Alexandre mais adiante de pé. Os dois sentiam-se magoados, como disse o pai em voz

baixa e jeito solene.
Nem olhou nos olhos do filho. Nenhuma vez. Um colégio tão bom.
Nunca pensei. Meu filho expulso do colégio. Alberto mordia o lábio inferior, passava lentamente os dedos pelos poucos cabelos que restavam na testa.
— Ô, Alex. Era a terceira vez que a mãe dizia — Ô, Alex. E não completava a frase.
Silêncio e penumbra. Apenas o motor do aquário fazia um zumbido discreto. Alexandre de cabeça baixa.
Adiantava explicar? Ele bem que tentou. Tentou falar que a culpa era do Guilherme. Mas não quiseram saber.
— Guilherme não precisou até ir ao hospital? Havia dito a mãe. Com espanto. Como se o fato de ir ao hospital já mostrasse que o outro é que estava com razão.
— Amanhã vão falar com a dona Marta. Quem sabe? O pai falou com a esposa. — Explique que o menino tem pouco tempo de São Paulo.
É uma criança. Dois meses de escola e conhece mais a diretora do que a classe. — É só uma fase.
— Uma fase? Vamos ver. Quem sabe um psicólogo, não é mesmo? E sua prima deu o endereço daquele conhecido dela? — Deu. Mas será que psicólogo, Alberto, não é muito apressado? Quem sabe ele... Os dois falavam sobre Alexandre.
Mas não com ele. O garoto continuou calado e de pé. Ouviu os pais do mesmo jeito com que ouvir a diretora.
Como se realmente eles estivessem falando de outra pessoa. Alguém que não fosse ele, porque o Alex queria mesmo. Com uma força que até machucava dentro de sua cabeça.
Era gritar. Gritar que odiava a escola. A cidade.
Porque não perguntavam pra ele, Alexandre, o que queria da vida? Por que tinha ficado tão magoado? O que tinha acontecido na verdade? Por que ele, Alexandre, só tinha sido julgado? Era criminoso e bandido. Sem que o ouvissem. Mas o pai preferiu apenas olhar para o Alexandre suspirar.
Moveu devagar a cabeça. — Bem, Alexandre. Vamos ver se a gente consegue consertar a bobagem que você fez.
Expulso da escola? Ah! Que tristeza você vai dar para sua avó! Já telefonou pra ela, Alberto? O garoto se afastou. Sentia os olhos secos. Estranhamente

secos.
Numa hora dolorida como aquela. Sabia que os pais iriam continuar com aquela conversa em voz baixa. Como se estivessem no velório de alguém. Como se alguém precisasse de psicólogo, de bronca, de castigos. Talvez ele apenas precisasse ser ouvido. Apenas conversar com alguém.
Não seria possível terminar o pesadelo tão depressa. Dona Marta precisou viajar. Só receberia o pai de Alexandre na segunda-feira.
Afirmou que poderia. Nunca se sabe. Talvez veremos.
Rever a expulsão. Mas que a semana de suspensão seria mantida. Os pais mal conversavam com Alex.
Enquanto seu destino não estivesse traçado. Voltar à escola ou arrumar vaga em outra. Alex era aquele estranho filho fantasma.
Andando pela casa em hora inadequada. Sendo chamado só para almoçar ou jantar. Era o jeito de seus pais castigarem sem sequer erguer a mão para ele. Mas talvez Alex preferisse uma surra. Preferisse uma bronca. Uma briga cheia de acusações e palavrões.
Poderia dor menos que a falta de atenção daquelas pessoas que nem olhavam nos olhos. Os pais saíram para trabalhar. Desta vez a mãe não tinha ido até o quarto dar o beijo de despedida.
Apenas disse até de noite. Sem perguntar se ele queria alguma coisa especial no almoço. Já era especial Alex ficar em casa de manhã.
Só que sem os motivos de sempre. Feriados ou doença. A culpa de ficar em casa era dele.
Que sentisse essa culpa. Dez horas da manhã o telefone tocou. Eu queria falar com o Alexandre.
Sou eu. Aqui é a Beth. Sei.
O telefone estava de ouvir com o barulho de muitas vozes e risadas. Devia ser do orelhão do pátio da escola. Como você está Alex? O que é que você acha? Porque ela estava ligando.
Ela também ia gozar dele como todo mundo deveria estar fazendo lá na escola. O caipira se ferrou. Foi bobo.
Liguei porque queria saber. Quer que eu copie a matéria pra você? Pra que? Eu fui expulso. Ainda não.
Eu ouvi a dona Ruth dizer para o Osmar que ainda não. Foi sacanagem do Guilherme. Ele falou hoje, sabia? Claro que não sabia.

Você é muito enfesado, sabia? E você é muito faladeira, sabia? Mas Alex não disse isso. Só pensou. Numa manhã tão silenciosa e triste era até bom ouvir alguém.
Mesmo que fosse a Beth. A gente achou que fosse a maior maldade com você. O Guilherme bem mereceu a sua.
A ficha caiu. O tilintim quase desapareceu com a voz da Beth. Alô, Alexandre? Alô? Pode falar.
Você ouviu? A gente tá querendo que o Guilherme conte a verdade. Ele não devia ter feito isso. Pode deixar que a gente vai dar a maior dura nele.
Beth, por favor, não se meta nisso, tá? Claro que eu me meto. É uma grande injustiça. Por favor, prometa que não vai falar com ninguém e nem vai falar com o Guilherme.
De jeito nenhum. É claro que eu vou te ajudar. E por que eu não pedi ajuda? Porque eu quero ser sua amiga.
Alexandre começou a ficar com raiva daquela teimosia cabeluda da Beth. Porque ela se enfiava onde não era chamada? Eu não preciso de amigos. Ouviu? Não quero ser seu amigo.
Alex se arrependeu no mesmo instante que falou. Mas desta vez havia falado e pronto. Desculpe, Beth.
Mas a ficha caiu. Ela teria ouvido? Ou ela mesma havia batido o fone no gancho? A única amiga de Alex. Alexandre não se lembrava de ter dormido tão mal em toda a sua vida como nesses dias.
Nem de ter fingido tanto que dormia. Ficava no quarto assistindo TV sem parar no que os artistas falavam. Sentia que tudo ficava silencioso e dolorido. Como se o silêncio sumisse fininho nas suas orelhas e doesse. Como se fosse uma música dolorida. Ouvia a conversa dos pais.
Eles telefonando muito, pra muita gente. Talvez até precisasse ir a tal psicólogo, já que o pai achava importante. E Alex não precisava de psicólogo. Não precisava de castigo. Ele só queria que as coisas voltassem a ser como antes. Alex preferiu os pais daquele jeito do interior.

PARTE III

Alex preferiu os pais daquele jeito do interior, não que eles tivessem mais tempo para o filho, mas porque era diferente. Alex tinha um morro no interior,

verdade que o pai chamava de terreno baldio, e a mãe reclamava que ele voltava fedendo a lixo, mas no morro ele podia empinar pipa, correr, encontrar girino no riacho, e tinha amigos, amigos de pé no chão, que falavam palavrão e não se incomodavam com o sotaque. Numa das conversas que a mãe teve ao telefone, Alex ouviu o comentário, talvez a gente tenha criado o Alex muito solto.

O que tinha de mais ser solto, ser livre? Alexandre apertava os olhos para não chorar, antes podia correr, brincar, agora só ficava na cama olhando o teto. Alice era um prisioneiro, e se ele fugisse? Fugir de casa, a ideia disparou em sua cabeça como se a única coisa possível de ser feita, seu coração disparou forte do mesmo jeito que a diretoria dois dias antes. Alex levantou da cama, espiou pelo corredor, o pai devia sair logo, a mãe estava fazendo compras no supermercado, eram 11 horas da manhã, era sábado, se ele andasse depressa poderia conseguir uma carona, conhecia a estrada, pegaria carona com algum motorista de caminhão, viveria no morro ou na casa do Pedro, o seu melhor amigo, era uma casa simples, não era aquele luxo de apartamento, mas Alex poderia finalmente viver feliz, sozinho, eles não precisavam de Alex, chegou a separar duas camisetas, um par de tênis, tinha um relógio, talvez conseguisse algum dinheiro com o relógio, Alexandre, o pai chamou da sala, teriam adivinhado seu plano? Eu vou até a loja, quer ir comigo? Precisava ir, poderia mais tarde arrumar as coisas e fugir, agora não devia despertar suspeitas, no carro, o pai preferiu fingir que estava tudo bem entre eles, elogiou o jardim de uma casa, falou que eles iam ter uma casa, perguntou se Alex não preferia casa em vez de apartamento, Alex disse que sim, era mais gostoso e começou a falar, a falar de uma saudade que nem ele explicava, de amigos do morro, dos pais, até isso ele disse e ficou com medo de chorar, porque se ele ia fugir de casa tinha de ser forte, o pai ia dirigindo e ouvindo sem responder, estacionou a dois quarteirões na loja, mas não saíram do carro, Alexandre, eu sei que está difícil para você, eu sei que aqui é diferente, que tudo parece grande, que você fica sozinho, está sem amigos, filho, nós, Alberto olhou bem dentro dos olhos do filho, também para ele aquela conversa era difícil, nós gostamos muito de você, a gente quer que você tenha melhores coisas, eu e sua mãe tivemos de trabalhar muito, seu avô era pobre, foi com muito trabalho que a gente conseguiu chegar até aqui, nós só queremos que você

tenha mais sorte, que nós na vida, Alexandre desviou os olhos, olhou para um pardal pousando no poste, parecia que em São Paulo de passarinho só tinha pardal, espero que você compreenda Alexandre, Alexandre tinha sempre de compreender, Alex não fugiu de casa afinal de contas, não que a conversa com o pai tivesse resolvido muita coisa, mas pelo menos ele não se sentia tão de castigo como antes, vai ver o pai havia até conversado com o tal psicólogo, ou a mãe havia resolvido que era melhor não apertar tanto o filho, enfim, o fim de semana se não foi uma maravilha, pelo menos não ficou assim tão pesado, Alex até jogou bola com o pai na quadra do prédio, segunda-feira tarde, quando as coisas já prometiam se resolver, Alex, alguém chamando no interfone, disse de Ná, ele foi até o interfone esperando ouvir o pai ou a mãe, com a boa má notícia da escola, porque haviam ido conversar com dona Marta, e teve a grande surpresa de ouvir a voz do porteiro, dizendo que uma garota chamada Beth, queria falar com ele, esperou o elevador sem saber o que ou como falar, deixou a porta do apartamento aberto, e foi conferindo os números dos andares passando, até o elevador chegar ao 12, Beth veio de uniforme de escola e pasta pesada nos braços, oi, o pessoal mandou um abraço, legal, ficaram de frente um para o outro, dava a mão ou um beijinho no rosto, que Beth oferecia, Alex respondeu ao beijo de longe, fechou a porta atrás dela, era estranho ver Beth ali em sua casa, quase se fazia obrigatório eles se cumprimentarem diferente, ficarem mais sérios, Dinah apareceu vindo da copa, boa tarde, tudo bem? Beth cumprimentou, Dinah respondeu surpresa, e sorriu, Alexandre ficou vermelho, que será que Dinah está pensando, que a Beth era o que dele? Alex tentou enfiar as mãos nos bolsos, mas a calça de ginástica não tem bolsos, falou para Beth deixar o material na mesa, sentar no sofá, ela preferiu a almofada, olhava pela sala, falou que o apartamento era legal, sorria, não estava com o aparelho nos dentes, Alex reparou, mas também não comentou sobre isso, continuava sem saber o que fazer com as mãos, perguntou se ela queria um café, como se Beth fosse uma visita de adulto, ela disse que não tomava café, aí sim ele corrigiu, refrigerante? Bombom? Tem bombom aí no pote, pode pegar, ela pegou um, ele também pegou um, como é que está a escola? Por sua causa, na maior confusão, só hoje o Guilherme apareceu, está com um curativo desse tamanho, e você não se machucou? Era a primeira pessoa que perguntava se ele havia se machucado, parece até que só naquela hora a mordida em seu braço ardeu,

mas era bobagem, o metiolate incolor já havia desinfetado tudo, não, só um arranhão, deixa eu ver, aqui no braço, Beth encarou seu braço como se visse uma visão de raio X, o lugar da mordida, ele se decidiu, levantou a camiseta e mostrou, nossa, parece mordida de cachorro, é porque eu não gosto de cachorro e riu, os dois riram, piada besta, ligar Guilherme com a enquete, com a conversa sobre que bicho queria ser, com o jeito cabeludo de Beth, com a suspensão, os dois caíram na risada, Alexandre sentiu que começava a chorar, a chorar de rir, e Beth ficava rindo e mexendo o cabelo, hora cobrindo o rosto, hora puxando o cabelo para trás, até que de novo não sabiam o que falar, eu trouxe a matéria para você, não precisa e nem estou na escola, que nada, você vai ver que Dona Marta muda de ideia, seu pai vai lá conversar com ela, depois o pai do Guilherme foi na escola sexta-feira, o Gui deve ter contado a verdade, será? Vai ver e sorriu, sorriu do jeito que as meninas dão risada quando querem esconder uma coisa que só elas sabem, mas no fundo estão loucas para contar a todo mundo, Alex preferiu não perguntar, nem deixar que a esperança aparecesse, não, era melhor esperar, ter certeza, e daí, voltar para a escola? Continuava detestando a escola, continuava destestando a Beth? Que bonitinho, Beth falou alto, ficou de pé, foi direto ao aquário, como é o nome deste peixe aqui? Alexandre também se levantou, acho que é o Acará, como? O aquário não é seu? Mais ou menos, quem mexe mais é meu pai, a luz do aquário deixava o cabelo de Beth com o colorido esverdeado, o rosto também esverdeado, uma Beth marciana, engraçado que ela parecia alta, por causa do cabelão todo, e não era, era baixinha, assim um palmo a menos que ele, e Alex estava bem perto dela, tão perto que sentiu o perfume de Beth, um daqueles perfumes ou potinhos esquisitos que ela sempre estava tirando da bolsa, e passando, e cheirando, e olhando.

Alexandre deu a volta no aquário, foi apontando os peixinhos através do outro lado do vidro, este eu sei o nome, é o Espada, este é Espada, Espada preto ou vermelho? Os dois, só muda a cor, mas o nome é o mesmo, apontou o outro, este aqui no fundo, está vendo? É o Paulistine, tem lista preta igual a bandeira, os peixinhos ficaram nadando entre o rosto de Alex e os olhos de Beth, os olhos deles acabaram seguindo o mesmo peixe, e se encontraram, o silêncio era tão forte, gozado, ele reparar que o silêncio podia incomodar mais do que conversar com ela, apontou o cascudo, este aí é o faxineiro do aquário, ele

limpa o vidro, come a sujeira, deixa eu ver, Beth deu a volta no aquário, também se ajoelhou na mesma altura que ele, o cabelão da menina raspou o rosto de Alex, e ele achou que parecia mesmo orelha de pequinês, de cachorro peludo, Alexandre continuou apontando o peixe, você roia o unha, Beth reparou no seu dedo, mastigada e quase sem unha, sorriu, e daí? Alex escondeu a mão, ficaram de pé, daí que você não acha feio? Sei lá, ele tentou esconder a mão no bolso que não existia, comer uma unha deixa a barriga estufada, que burrice, eu não como unha, eu só fico roendo e depois cuspo fora, você é tonta mesmo, e ele se afastou, foi se jogar no sofá, enfiou as mãos debaixo da almofada, com a irritação esquisita que sempre sentia diante dela, eu ainda copio a matéria pra você e você me xinga, eu não xinguei, claro que xingou, ela sentou no mesmo sofá, Alex se afastou para a outra ponta, também cada coisa boba, comer unha estufa a barriga, imitou a menina como se ela fizesse cara de burra pra dizer isso, unha é nojento sim, ouviu? Era engraçado, mas Alex não achou graça, nojenta é a caspa que você joga na minha carteira, parece um macaco de tanto cabelo, ela abriu a boca para responder, e continuou de boca aberta, fechou, um silêncio forte, e sem que Alex esperasse, Beth se jogou pra cima dele no sofá, como se fosse encher de tapa, e bater, e brigar, Alex segurou seu braço, quase que num primeiro instante, deu mesmo foi uma porrada na menina, mas o é uma menina ainda passou em sua cabeça, ela estava com raiva, fazia força para soltar as mãos, o cabelo havia entrado em sua boca, então ficava gozado, porque ela falava e tentava tirar o cabelo da boca, grosso, mal educado, bobo, tonto, tantas palavras, o rosto tão próximo de Beth, ou foi se lembrando na enquete de fugir de casa, ou foi seu lar tudo junto? Pareceu para Alex que o único jeito de fazer Beth ficar quieta era aquele, e enquanto ela falava, xingava, seus rostos ficavam cada vez mais perto um do outro, enquanto ela ainda tentava soltar as mãos, Alex aproximou, decidido, os seus lábios dos dela e deu um beijo, um beijo rápido, e lábios que se encostaram junto com o cabelo e saliva, por um instante, Alex fechou os olhos, talvez Beth também tenha fechado os olhos, nenhum dos dois entendiam bem o que havia acontecido, deu foi uma moleza, um calor, Alex soltou os braços da menina, puxou devagar as mãos, as maçãs do rosto de Beth, muito vermelhas, ela passou a língua pelos lábios, talvez para ter certeza do que havia acontecido, ou não havia acontecido, e então saiu correndo, Alex não teve jeito de pedir desculpas, nem de dizer que não

era nada disso, e o que iria dizer? Havia motivo para se desculpar, para ficar bravo? O que ele sabia agora que era esse seu primeiro beijo? E é mesmo preciso entender porque a gente dá um primeiro beijo? Alex, tudo certo, conversei com a diretora, filho, onde está você? Alberto procurou primeiro no quarto, na cozinha, deu uma espiada na varanda, foi quando encontrou o filho na penumbra da sala, sentado numa almofada diante do aquário iluminado. Você ouviu, Alex? Eu disse que está tudo certo, dona Marta não vai mais expulsar você, parece que o outro garoto também contou que mentiu, que não foi só você o culpado, amanhã você já pode ir para a escola, Alexandre, você está me ouvindo? O pai não deve ter entendido, Alex sorria, disse apenas legal, só isso, e continuou acompanhando os peixinhos nadando, olhando o jeito deles de abrirem e fecharem a boca, como se dessem estranhos beijos na água, e Alex nem gostava de peixinhos, nem gostava de cachorros, agora de uma menina com cabelo comprido, com orelhas de cachorro, quem sabe?

TRANSCRIÇÃO DO ÁUDIO-LIVRO NARRADO POR VALDIRENE LEME DO LIVRO "O PRIMEIRO BEIJO" DE MÁRCIA KUPSTAS DE 1987.

Facebook: Valdirene Leme https://www.facebook.com/profile.php?id=100000981293220

Instagram:https://www.instagram.com/

valdireneleme74

Youtube: https://www.youtube.com/@valdireneleme74

[1] O **Ford Escort** é um automóvel produzido pela Ford do Brasil de 1983 a 2004, inicialmente com um formato mais retilíneo. Baseado na III geração do Escort Europeu (Mk3), foi lançado para substituir o Corcel, mais especificamente o Ford Corcel II, a 2ª geração do carro, representando o segmento de carros médios da Ford no Brasil.